

TRABALHANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM HIP HOP NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Laura de Almeida

Prof^a da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/DLA)

Nahendi Almeida Mota

Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

BolsistaPIBID/CAPES

Denildes Evangelista Santos

Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

BolsistaPIBID/CAPES

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES - Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil e descreve as ações mais recentes referentes ao subprojeto Letras/Inglês intitulado *Inserção da cultura afro-brasileira no ensino da língua inglesa por meio da música*. Temos por fio condutor a diversidade linguística e cultural dos afro-descendentes por meio do estudo da variante linguística *Black English* em estilos musicais.

Neste estudo descrevemos a primeira fase da experiência pedagógica aplicada no Colégio Estadual Professora Horizontina Conceição constituído por um coordenador de área, dez alunos graduandos bolsistas e um professor supervisor (professor da rede pública de ensino). Este projeto está sob coordenação da professora Laura de Almeida (UESC) e supervisão da professora Luciene Monjardim, do Colégio Estadual Professora Horizontina Conceição. Desde 2011, desenvolvemos a ação nesta escola da rede pública estadual de Ilhéus (BA), em várias séries do ensino fundamental, na disciplina de língua inglesa. O projeto é aplicado com graduandos da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e desenvolvido em escolas públicas a fim de levar ao aprimoramento pedagógico dos atuais professores – *in-service* – bem como à formação de futuros professores licenciados, alunos do curso de Letras da UESC – *pre-service*. Visamos retratar aqui a primeira fase de um projeto de iniciação à docência (PIBID) na área de Letras.

Tomando por base os pressupostos da Lei 10.639/2003, que institui ao ensino as questões étnico-raciais, temos por fio condutor a diversidade linguística e cultural dos afrodescendentes por meio do estudo da variante linguística *Black English* em estilos musicais que tragam em seu cerne a origem africana. Para tanto, foi trabalhado em sala de aula o conceito de variação linguística e do *BEV*, além de apontar, por meio de um quadro comparativo, as diferenças entre o *Standard English (SE)* e o *Black English Vernacular*. Após esta introdução de conceitos e a partir de um diagnóstico realizado para sabermos as preferências musicais do alunado, foram selecionados estilos de músicas com ocorrência do *BEV*. Na fundamentação teórica, adotamos teóricos como Labov (1972), Tarallo (1990). Consideramos que a proposta desenvolvida seja importante para o aprendizado da língua inglesa, levando-se em conta as interfaces entre a musicalidade e as variações sócio-culturais.

Neste trabalho, estudaremos a questão da africanidade por meio do estilo musical hip-hop. O intuito deste projeto é aplicar as teorias discutidas neste artigo voltadas para a prática de ensino-aprendizagem de língua inglesa em sala de aula. A fim de aplicarmos a proposta deste projeto, selecionamos uma escola pública e buscamos, por meio das atividades apresentadas aqui, desenvolvermos uma estratégia de ensino em que pudéssemos conciliar os estudos da sociolinguística com os estudos culturais e identitários. Além disso, apresentamos sugestão de uma sequência didática que possa ser desenvolvida em sala de aula levando em consideração a temática apresentada da inclusão da cultura e ensino da cultura africana. A proposta inicial inclui o estudo de vários estilos musicais, tais como o reggae, o jazz, o blues, o reggae, o rock e o hip-hop, os quais têm em comum a origem na cultura negra com traços da presença africana seja na utilização da língua peculiar dos negros, no caso, o *Black English*, seja na característica de um ideal de denunciar, propagar uma cultura existente, porém reclusa à marginalidade por não pertencer aos ideais da cultura dominante. Por meio de leituras realizadas, pudemos constatar que muitos destes estilos trazem em seu cerne o sofrimento do negro e buscam, por meio da música, um ideal de liberdade em propagar suas ideias.

Por objetivo geral, propomos abordar a diversidade linguística e cultural dos afrodescendentes por meio de estilos musicais que tenham origem na cultura africana, buscando estabelecer uma interface entre a variação linguística e a aplicação da Lei 10.639 no ensino de língua inglesa. Para tanto, selecionamos letras de música dos estilos musicais selecionados conforme critério especificado no item referente à

metodologia, a fim de estabelecermos interfaces entre o ensino da língua inglesa e o estudo da cultura africana.

Fundamentação teórica

Considerando-se que buscamos uma interface entre música e ensino de língua, adotamos alguns conceitos sobre a trajetória dos estilos musicais abordados discutidos por Giblin (2005), Muggiati (1989), Billard (1990) e Chacon (1995), mostrando que todos os estilos estudados têm em comum a influência africana e retratam questões do negro. Adotamos também subsídios teóricos da sociolinguística e dos estudos culturais, além de estudos sobre o movimento hip-hop.

Trabalhamos com a seguinte hipótese principal:

É possível identificar no estilo musical do *hip hop* marcas da africanidade em sua origem, ou ainda, apresenta características do *Black English* em suas letras de música?

Partimos do pressuposto que sim, mas mesmo assim buscamos nas fontes de pesquisa a origem do estilo musical abordado. A seguir trazemos algumas informações sobre a origem do estilo musical abordado a fim de verificarmos as hipóteses levantadas.

Levando-se em conta que nossa proposta é estudar a incidência do *BEV* no hip-hop no ensino da língua inglesa, torna-se pertinente estudar o papel desenvolvido pela música na vida das pessoas. Para tanto, reportamo-nos a Giblin (2005), quando ele desenvolve a questão do inglês por meio da música. Inicialmente, o autor salienta que:

O rock'n roll continua sendo uma escola de música que gerou, entre outros, a música *techno* e o *hip-hop*. De uns 15 anos para cá, a juventude encontrou nesses dois novos gêneros musicais aquilo que a geração de seus pais tinha encontrado no *rock'n roll*: a revolta, a dança, a diversão. Além de porta-vozes para suas dúvidas, aflições e aspirações. (GIBLIN, 2005, p. 131)

Dentre os estilos musicais que fazem parte do projeto em estudo, destacamos que a cultura hip-hop surge como uma forma de autoafirmação da identidade dantes negada pela cultura dominante que visa impor uma forma única de falar, de pensar, com uma visão de mundo única e homogênea. Tal fato é almejado por meio da manifestação

de uma língua peculiar dos falantes do *BEV* que se encontra nas letras de música do hip-hop analisadas.

Hip-hop – origem e características

O hip-hop iniciou-se na década de 1970 nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque. Por meio do estudo do movimento hip-hop, é possível detectar engajamentos políticos de crítica social, como vemos em:

O universo *hip-hop* é marcado pela reflexão e crítica que faz em relação às desigualdades sociais e raciais por meio da poesia, dos gestos, falas, leituras, escritas e imagens que tomam forma pela expressividade de quatro figuras artísticas, a saber: o mestre/mestra de cerimônia – Mc, o/a disc-jóquei – DJ, o dançarino ou a dançarina – *b.boy* ou *b.girl*, e o grafiteiro ou a grafiteira. (SOUZA, 2011, p. 15)

Segundo Souza (2011, p. 64),

(...) Afrika Bambaataa é um dos fundadores da Zulu Nation, organização que, focalizando discussões raciais, tornou-se uma das maiores do movimento cultural *hip-hop* no mundo. Também presente no Brasil, a Zulu Nation é uma organização com inserção mundial que defende os saberes e a produção de conhecimentos como sustentáculos do universo *hip-hop*. Considera-se como o quinto elemento, juntando-se aos demais – o *break*, o *grafite*, o *Mc* e o *DJ*.)

Em outro estudo sobre o assunto em voga, Rocha (2001, p.11) afirma que existem quatro pilares essenciais na cultura *hip-hop*: o *rap*, os *DJs* e os *MCs*, a *breakdance* e o *grafite*, além da moda hip-hop e as gírias.

Com base no exposto, mostraremos algumas das características do *Black English*, doravante *BEV*, a fim de podermos analisar as letras de música e verificar as ocorrências do mesmo.

Características do *Black English*

O *Black English* é uma variante africana do inglês americano. Assim como todas as formas linguísticas é influenciado pela idade, status, assunto/tema e local. Em relação

às suas origens, tem suas raízes históricas em uma forma creolizada do inglês do tempo da escravidão. Analisando o seu uso e o contexto social, constatou-se que não existe nada de errado com o *BEV* como uma variante, uma vez que é usado para expressar pensamentos e ideias. Outro foco de discussão encontra-se na educação, pois o *BEV* tem sido o centro de controvérsias sobre a educação dos jovens africanos americanos, uma vez que alguns educadores aprovam o uso do *BEV*, enquanto outros não.

Apresentamos, a seguir, algumas das características do *BEV*, como o tempo e o aspecto. O *BEV* não caracteriza necessariamente o marcador do pretérito de outras variantes do inglês (isto é, o “ed” de *worked*), mas caracteriza um sistema de tempo opcional com quatro tempos passados e dois tempos futuros ou frases (porque eles indicam tempo em graus). Dentre suas características destacamos as seguintes:

- As negativas são formadas diferentemente do Inglês Americano padrão.
- uso do “ain't” como um indicador geral da negativa.
- Falantes do *BEV* também usam “ain't” ao invés de “don't”, “doesn't”, ou “didn't” (por exemplo, I ain't know that).
- “Ain't” tinha suas origens no Inglês comum, mas tornou-se progressivamente estigmatizado desde o século.

Metodologia

Do hip-hop, trabalharemos as seguintes letras de música: *Jazzy sensation*, de Afrika Bambaataa e *Pump it* de *Black Eyed Peas*.

Posteriormente, compilamos os dados referentes às músicas analisadas e as formas das variantes características do *BEV* detectadas nas letras de músicas selecionadas. Após esta etapa, realizamos uma análise contrastiva entre as formas padrão e o *BEV*, priorizando as características deste no nível gramatical e lexical.

Inicialmente fizemos uma pesquisa sobre as preferências musicais dos alunos da escola e obtivemos o resultado conforme apresentado no próximo item referente ao desenvolvimento da pesquisa.

Desenvolvimento

Adotamos a seguinte sequência didática:

- Aulas expositivas sobre o Black English Vernacular (*BEV*) e as variações linguísticas pertinentes a realidade escolar.

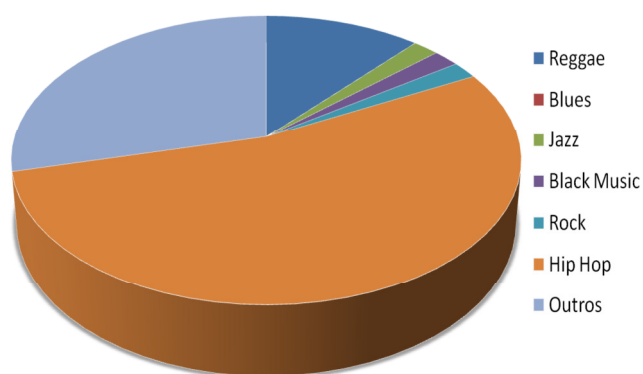
- Pesquisa bibliográfica e qualitativa.

Desta forma, realizamos dois tipos de pesquisas: primeiramente a pesquisa sobre variação linguística e, posteriormente, sobre o estilo musical hip hop. A seguir alguns gráficos que sintetizam os dados coletados:

Pesquisa sobre preferências musicais

7ª Série C – Escola Estadual Profª Horizontina Conceição

Tabela 1. Qual estilo musical conhecem?



Com base na tabela 1, verificamos que o hip hop é o estilo musical mais conhecido pelos alunos. A partir deste dado, prosseguimos com a aplicação da pesquisa.

A seguir, mostraremos os resultados da análise comparativa realizada entre o *Black English* e o inglês padrão presentes nas letras de música estudadas. Conforme explicitado no item referente à metodologia empregada, os termos característicos do *BEV* podem ser apresentados no seguinte quadro:

Quadro 1. Comparação entre o *Black English* e o inglês padrão na música “Jazzy Sensation”.

<i>Black English Vernacular (BEV)</i>		<i>Standard English (SE)</i>
<i>Presente continuous</i>	<i>passin', lookin', headin', gettin'</i>	<i>passing, looking, heading, getting</i>
<i>Negative</i>	<i>ain't</i>	<i>isn't</i>
<i>Presente</i>	<i>wanna</i>	Want to
Formas	<i>c'mon, somethin', cos, gotta</i>	<i>c'mon, somethig,</i>

abreviadas		<i>cos, get to</i>
------------	--	--------------------

Quadro 2. Comparação entre o *Black English* e o inglês padrão na música *Pump it* - *Black Eyed Peas*.

	<i>Black English Vernacular (BEV)</i>	<i>Standard English (SE)</i>
<i>Presente continuous</i>	We definite, B-E-P we <u>rappin'</u> it, so <i>We <u>rockin'</u> this (contagious), monkey business (outrageous)</i>	We definite, B-E-P we <u>rapping</u> it, so <i>We <u>rocking</u> this (contagious), monkey business (outrageous)</i>
<i>Negative</i>	<i>she <u>ain't</u> down</i>	<i>she <u>isn't</u> down</i>
Formas abreviadas	N*ggas hate on us (who) N*ggas be envious (who) Dude <u>wanna</u> hate on us (dude) <u>I'ma</u> be real on us (<u>c'mon</u>), nobody got nothing on us (no) <u>Ya</u> check this out right here:	<u>Negroes</u> hate on us (who) <u>Negroes</u> be envious (who) Dude <u>want to</u> hate on us (dude) <u>I'm</u> a be real on us (<u>common</u>), nobody got nothing on us (no) <u>You</u> check this out right here:

Dentre os exemplos destacados característicos do *BEV* encontramos uma quantidade expressiva de exemplos referentes ao presente contínuo e à negativa, como notamos nos quadros acima. Desta forma, observamos que todas as letras de hip-hop apresentam exemplos de *Black English*, o que não interfere, no entanto, na mensagem das letras de música. Em *Pump it*, nota-se uma valorização do ser humano marginalizado pela sociedade, principalmente quando diz que eles são excelentes e absolutos e que ninguém tem nada contra eles. Temática semelhante aparece em “*Jazzy sensation*”, na qual Afrika Bambaataa, chamando as pessoas a resistirem e mostrarem que têm qualidade e sofisticação e que precisam de cooperação, então fala de outros *hip-hopers* que podem trabalhar com Bambaataa e Jazzy Jay (e Red Alert) para juntos formar a nação Zulu.

Considerações finais

Observamos que, embora o BEV não seja falado nem conhecido por vários falantes da língua inglesa, essas variantes linguísticas aparecem e não interferem no entendimento da música. Este estudo salienta a importância do estudo das variantes linguísticas a fim de conhecermos a riqueza dos idiomas e evitarmos o preconceito linguístico.

Pretendemos inserir no ensino de língua inglesa a abordagem do estudo da consciência negra, por meio de manifestações culturais e históricas. Neste contexto, o hip-hop insere-se como uma forma de conscientização e propagação de ideias contrárias ao que é imposto pela sociedade, além de disseminar uma cultura que se encontra soterrada pela cultura dominante mas que no entanto existe e resiste nos subterrâneos dos fazeres dos integrantes do hip-hop. Um ponto disso encontra-se nesta pesquisa ao analisarmos a questão da variante linguística do *Black English*. Em suma, este estudo salienta a importância do estudo das variantes linguísticas a fim de conhecermos a riqueza dos idiomas e evitarmos o preconceito linguístico.

Referências

- BILLARD, François. *No mundo do jazz: das origens à década de 50*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 297 p.
- BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.
- CHACON, Paulo. *O que é rock*. 5. ed., 1. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1995. 79 p.
- GIBLIN, Remi. O inglês por meio da música. In: LACOSTE, Yves; RAJA, Kanavillil. *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 127-132.
- LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: Pennsylvania Press, 1972.
- MUGGIATI, Roberto. *O que é jazz*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 116 p.
- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *Hip Hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 157 p.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- TARALLO, Fernando Luiz. *A pesquisa sociolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986. 96 p.